

O COMMERCIO DE BARCELLOS

SEMANARIO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

BIblioteca

ANNO 7.º

DOMINGO, 27 DE SETEMBRO DE 1896

N.º 343

ORGIA POLITICA

Alguns importantes órgãos da imprensa diária tem-se occupado da forma como os actuaes ministros procedem, comparativamente com a conduta dos homens de estado d'outras eras, e a não muito distantes, nas suas villegiaturas, nas suas digressões, nos seus tratamentos pelas aguas etc.

Relembra-se a austeridade de Braamcamp, do bispo de Vizeu, de Fontes Pereira de Melo, estadistas tão eminentes como são microscopicos os que hoje se arrogam esse pomposo titulo.

Apontam-se casos em que o ministro que precisava de utilizar umas thermas por quinze dias passava a gerencia dos negocios relativos á sua pasta a um collega, que interinamente a podesse sopezar, e só então o ministro, devidamente substituido, seguia como qualquer particular para a estancia de saúde.

Assim nem os negocios do estado eram descurados e votados ao abandono do titular da pasta, nem o ministro se aproveitava de regalias, commodidades e ostentações, que não são devidas ao homem em passeatas de proveito proprio, mas unica e tão somente ao funcionario quando em serviço do paiz.

Hoje não é assim. E não é assim com os actuaes ministros, que assaltaram o poder para seu proveito e dos seus amigos, que não tem a menor noção do decoro politico, que exploram todos os beneficios e delicias que lhes podem saciar as suas vaidades, as suas ambições, as suas paixões egoistas, os seus caprichos, os seus regalos, as suas commodidades.

O sr. Hintze e o sr. do Soveral dão os seus passeios para Cintra ou para o Estoril e não se contentam com fazer a viagem em uma carruagem reservada, como faziam os estoicos ministros de ha bem pouco, até algumas vezes em serviço da nação; o sr. Campos Henriques, lembra-se de ir conquistar o diploma de irmão honorario de qualquer confraria,ahi se aprompta um comboio especial para conduzir s. ex.ª; ha um baile real em Cintra, cada um dos ministros regressa a Lisboa no seu comboio especial.

Isto é o que se chama uma orgia ministerial.

Cada ministro vae para seu lado, gosar a seu modo, divertir-se, veranear, flunar, e os negocios publicos, e os interesses da nação, e os serviços de expediente, e os direitos dos cidadãos e tudo esteja á mercê do sport do sr. do Soveral, que vae para Cintra, ou do bucolismo do

sr. Antonio d'Azevedo, que vae para a sua quinta da Timpeira.

O sr. Jacintho Candido, esse esteve pelo Luso ainda a gosar a sua lua de mel, e ultimamente fez a sua passeata a Espinho, de onde partiu na quinta-feira á noite, com uma despedida que muito o deveria enternecer. Uma banda de musica d'aldeia, uma duzia de garotos com archotes, na gare da estação, e algumas duzias de foguetes que subiam ao ar, para que elle não possa fazer que nunca foi corrido a foguetes, apesar de toda a sua candura. E para cumulo, dous vivas erguidos nem bem sabemos por quem e que não foram correspondidos por mais de uma duzia de apatiguadss.

A avaliar pelas festas que os jornaes regeneradores noticiam como feitas aos outros ministros, o sr. Jacintho deve de estar muito desconsolado com as que lhe fizeram em Espinho.

Para epilogo de toda essa pandega em que os srs. ministros tem andado, annuncia-se uma fornada de 15 a 20 pares, á imagem e semelhança dos seus illustres padeiros; e que em lugar de se chamarem grandes do reino, melhor se designarão por *anãos* do reino.

Não nos noticiam os periodicos da privança dos ministros que elles se tenham entregue ao estudo dos graves problemas, que dizem respeito ao futuro da patria, mas em compensação estamos todos os dias a ler as noticias das digressões recreativas, das patuscadas em que andam, das recepções *espontaneas a seu pedido*.

Estamos, decilidamente, em plena orgia ministerial, o que falta é saber onde isto irá parar...

O GOVERNO E O PAIZ

Trata o governo para acudir ás suas necessidades mais instantes, de arranjar dinheiro emprestado, empenhando o paiz e comprometendo, dia a dia, o nosso credito já de si tão abalado e perdido.

Esticaram o bolso do contribuinte, arrancaram aos credores do estado, ao funcionalismo publico e ás corporações credoras á *fortiori*, sommas enormes com o nome de deducções, a titulo de equilibrar a receita com a despeza publica, e de conspiração formidavel para a extincção do *deficit*; e, no fim de contas, nada chega; a divida cresce, o *deficit* augmenta, a pobreza do paiz alastra-se terrivelmente, assombrosamente, o credito perde-se, os judeus engordam, o povo emigra, as

industrias definham, a agricultura lamenta-se!

Eis o meio em que nos achamos; mais dous passos n'este caminho, com taes dirigentes da governação publica, e estaremos no fundo d'um abysmo terrivel, sem esperanças de salvamento.

Não somos pessimistas. Este estado de coisas só o não vê assim, quem não tem olhos para vêr.

A colheita do vinho, que é a unica riqueza nacional, é este anno para nós de um grande alcance economico, pois alem do muito animadora na quantidade é excepcional na qualidade.

Mas são de o maior desalento as noticias que nos chegam dos centros consumidores, para onde exportamos este nosso mais rico producto agricola.

O governo, em vez de empregar oficialmente todos os esforços, para que o nosso vinho tenha fóra a aceitação, que merece, e a exportação augmenta na regra porque augmenta a produção, do contrario, de nada d'isto ainda, deixa este importantissimo ramo d'interesse nacional á iniciativa particular, nem que esta, só por si, fosse sufficiente para negocio de tão alta monta. E não se animando os mercados estrangeiros para nos gastarem os nossos vinhos; aonde é, que nós podemos ir buscar o oiro para comprar pão lá fóra, e para pagarmos o annito, que importamos das diferentes nações estranhas?

Não são só nente as libras esterlinas, que fogem d'esto paiz para os centros d'onde vieram para Portugal, é mesmo a moeda portugueza em oiro, que está a desaparecer por completo, exportando-se em grandes sommas para o estrangeiro.

Já viu alguém, que o actual governo empregasse meios, empenhasse esforços, discutisse mesmo nas suas reuniões em conselho de ministros, para se pôr cõbro a este empobrecimento sempre crescente, a esta derrocada, em que nos achamos la-deira abaixo?

Nada! litteralmente nada!

A vida nova, que o governo apregou, é a vida da pobreza, e da miseria d'esta infeliz nação! É a vida do desatino, da petulância, da intriga baixa e ignobil.

É a vida da desvergonha, do desprezo pela lei fundamental do paiz, do compromisso agudo das instituições vigentes e dos mais odiosos desperdícios do dinheiro do povo e das forças vivas da nação.

A descrença pela nossa reabilitação vae ganhando terreno em todos os pontos do paiz. Os

inimigos, velhos e novos, das instituições vão augmentando o seu numero de adeptos, trocando, quem se tem gasto na defensão do actual systema, que attinge o derradeiro grau de abatimento.

E quem serão os responsaveis de tudo isto? O futuro o dirá, com toda a sua linguagem de horrores.

A CHARADA-EMPRESTIMO

Decididamente a questão do emprestimo, que ao principio nos parecera mais uma grande victoria, passou a ser uma verdadeira charada. Ninguém se entende, todos fazem perguntas, todos aventam alvitres, mas não se conclue coisa alguma. E até ha quem diga que o proprio governo é o primeiro a não saber bem o que quer. A facilidade com que o sr. Hintze deixa aos bancos nacionaes a fixação da quantia a emprestar, não se importando de receber tres ou nove mil contos, levantou a suspeita, talvez justificada, de que o governo esta justamente como certos estroinas desacreditados e anciosos de dinheiro, que tanto recebem a titulo de emprestimo, uma cedula de tostão, com uma nota de vinte mil reis. D'ahi a origem dos mais desencontrados boatos, e a opinião geral de que vamos chegando aos mais miseraveis extremos. No estrangeiro, não se empresta um ceutil a Portugal, nem mesmo com uma caução segura e garantida, como a que o governo offerencia! O estrangeiro não quer mais negocios connosco, e nega um emprestimo, que o governo pomposamente annunciara ha mezes, respondendo com ironia e até com azedume ás prevenções que então lhe fizemos, de que o nosso credito estava de tal modo arrasado, que ninguém confiava no governo de Portugal para lhe emprestar dinheiro. Depois d'esta tristissima situação, depois d'este formal desengano, o que fez o mesmo governo? Volta-se para o paiz, appella para os bancos nacionaes e faz uma proposta desdobrada em duas propostas, declarando cynicamente que tanto se contenta com tres como com 9 mil contos!

Dirige-se, tambem, aos bancos do Porto a pedir-lhes dinheiro, elle que já durante a sua gerencia lhes acudiu com um importantissimo *bonus*. De modo que se os bancos d'aquella cidade, responderem agora ao apello governamental, virão emprestar ao governo com juros, o que do mesmo governo receberam de presente. Vamos, porrem, caminhando. Supponha-

mos que o governo arranja o dinheiro. Recebe-o em papel, mas os pagamentos a fazer são em oiro e tem portanto de transformar em oiro o papel recebido. O premio das libras está a 1:20 reis, e é possível que augmente até ao fim do anno. Quanto custa essa inversão?

Mais occorre perguntar para que quer o governo o dinheiro? Quaes as suas necessidades, quaes as suas despesas, quaes os seus compromissos, se elle tanto se contenta com 3 como com nove mil contos? Alem da famosa compra dos navios, cuja commissão recebeu á ultima hora ordem de reunir outra vez, como já tinha recebido ordem para não reunir, o governo tem de pagar despesas certas e regulares e para isso segue o inalteravel systema de ir alienando, empenhando, vendendo tudo que encontra debaixo da mão!

Perguntamos nós o que tenciona elle fazer, quando essas despesas certas voltarem, e já não haja mais coisa alguma para empenhar ou para vender? A resposta é simples e está dada ha muito tempo. O governo não se importa com o futuro. Oha apenas para o presente e o seu ideal unico é manter-se, á custa das mais deslavadas traficancias, prolongando quanto possível a sua estada nos conselhos da corôa, para satisfação de vaidades balofas, o que é o menos, mas de todos os seus amigos e adeptos, a quem escandalosamente vae contemplando, sob varios pretextos, com os dinheiros do thesouro, e com os que porventura possam vir de emprestimos, como este, que á ultima hora lança no mercado nacional.

Pois que? O sr. Hintze Ribeiro, se tivesse um plano qualquer serio e digno sobre as necessidades do governo, pedia indistinctamente aos bancos nacionaes 3 ou nove mil contos? Para que quer então essas quantias? Quando se faz um emprestimo, é porque a necessidade imperiosa a isso obriga, em vista de uma conta de encargos, justamente feita, o que é preciso saldar. Na conta do sr. Hintze, succede isto de curioso: tanto ha encargos para 3:000 como para 9:000 contos de reis! Continua, portanto, na ordem do dia a *charada-emprestimo*, cuja explicação final deve ser de um effeito assombroso. Os costumes e os actos, planos e combinacões!

(Do Correio da Noite)

SCIENCIAS E LETTRAS

A'S ONDAS DO MAR

I

Ondas! Minhas amigas extremosas!
Sorri á minha pobre mocidade:
Olhae por mim de longe, ondas piedosas!
Irmãs da Caridade!

II

Ondas salgadas d'esse mar tão bello!
Crystallisaes sob a influencia astral:
Quero erguer entre nuvens um castello
Eccentrico, de sal...

III

Ondas! Aqui, só oiço entre destroços
Cantigas de estudantes pela rua:
Ai! quem me dera ouvir os Padre-Nossos
Que vós rezaes á Lua!...

IV

Ondas! Gostaes de Anto? Vós sois visinhas,
Moraes na praia, ao pé do seu amor:
Como está ella? Dae saudades minhas
A Porey, por favor.

V

Ondas! Cantae, eu quero ouvir-vos, freiras
D'esse convento d'Agua verde e amára,
Que tem por abbadessa, entre as primeiras
A lua Santa Clara!

VI

Ondas do mar! Orae por mim, cerrados
Sejam meus olhos, lividos clarões...
Ah, não vos esquecaes dos meus peccados,
Nas vossas orações...

Antonio Nobre

SONETO

Foi-se-me pouco a pouco amorticendo
A luz que n'esta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degraus do tumulto descendo.

Em se ella anuviando, em a não vendo,
Já se me a luz de todo anuviava;
Despontava ella apenas, despontava
Logo em minha alma a luz que ia perdendo.

Alma gemea da minha, e ingenua e pura
Como os anjos do céu (se o não sonharam...)
Quiz mostrar-me que o bem, bem pouco dura.

Não sei se me vou, se m'a levaram,
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar ao que inda em vida não choraram.

João de Deus

A FLOR SEGGA

Vae, flor gentil, vae prenda suspirada
Doce mimo d'amor terno e fagueiro,
Vai, que elle mesmo grato e prazenteiro
Elle te ha-de levar á minha amada.

Cumpra a que ella te impoz, que é lei sagrada:
Se mudada te achar, sem côr, sem cheiro,
Se o viço, a gala do verdor primeiro
Em tuas fallidas folhas vir crestada.

Diz-lhe que mais que a ti, mais me queimára
O intenso ardor d'aquella saudade
Que a ambos n'este estado nos deixara.

Oh! se um benigno influxo de piedade
De seus formosos olhos te orvalhára...
Qual de nós ambos reviver não ha-de?

Almeida Garret.

PUBLICAÇÕES

Recebemos o n.º 638 do *Occidente* que publica as seguintes gravuras: retrato do Cardeal D. Americo, bispo do Porto; retrato da sr.ª D. Domitilla de Carvalho; Novo navio rolante de Bazin; Os Titeres; Pelourinho de Palmeira.

A parte literaria consta dos seguintes artigos: Chronica Occidental, por D. João da Camara; As nossas gravuras; Os Titeres, por Pin-Sel; Portugal em 1760, cartas de Baretii, por Alberto Telles; As Freiras de Larvão, por Esteves Pereira; Uma pagina da Historia Ultramarina, pelo dr. Alexandre de Tavora; Poesia, Adeus, por Thomaz Ribeiro; Publicações, etc.

—A *Mala da Europa*. O n.º 3, do 3.º anno, d'esta esplendida publicação quinzenal, que insere na primeira pagina o retrato do sr. Antonio Augusto Pereira de Miranda, digno par do reino e vulto respeitabilissimo do partido progressista; na segunda e terceira os dos Principe Lobanoff Rostovskz, commendador Antonio Homem da Costa, Princeza Helena de Montenegro, Principe de Napóles, Pedro Americo e dr. José Hyginio; e as seguintes photogravuras: Fachada da igreja do convento de Christo (Thomar), Claustro de D. João 3.º (Thomar), Palacio presidencial do Rio de Janeiro.

—*Journal de Viagens*. O n.º 25 d'este excellento semanario, que publica o seguinte sumario:

Texto—Encontro sinistro—O Monte Athos—Africa Oriental: Costumes indigenas—Dramas no mar: O navio mysterioso—O Fan-Tan—As grandes aventuras: Sem Cinco-Reis—Pelo mundo vegetal: A valisneria—Costumes e religioes de diversos povos: O chamanismo—A instrucção nacional: O ensino da lingua pelo alfabeto natural—Viagens e explorações: Travessia dos Andes—Pelo mundo: A chegada de Nansen, Pharoes electricos e pharoes d'azeite, A praga dos gafanhotos, Oleo d'ovos de serpente, Uma viagem extraordinaria, A origem da cerveja.

Levantando presuroso a capa que cobria aquelle vulto—A guarda Arnaut do «Prataton»—Monges de Kerys: Os epistatas de Ivirion e Vatopédi—O jogo do Fan-Tan em Macau—Trazem compridas tunicas de couro cortadas á moda oriental e um mitra ponteguda na cabeça—E' uma horrorosa collecção de mascaras hediondas.

DIA A DIA

Fazem annos:

Amanhã—SS. MM. El-Rei D. Carlos e a Rainha D. Maria Amelia e o sr. Antonio M. Vieira Ramos.

Dia 29—o sr. José Maria P. da Silve.

Regressou da praia da Apulia a esta villa, com sua exm.ª familia, o nosso querido amigo e collega de redacção, sr. Domingos de Figueiredo, digno gerente do Banco de Barcellos.

Tambem regressou da mesma praia, com suas exm.ª esposa e cunhada, o sr. Avelino Ayres Duarte, digno director da pharmacacia da Santa Casa da Misericordia.

Retirou para Braga o sr. Carlos Vieira Ramos, nosso estimado patricio.

Regressos da Apulia, com sua familia, o sr. João Velloso de Sá Barreto.

A esposa do sr. Placido Lamella, digno pharmaceutico em Barcelinhos, deu á luz, com muita felicidade, uma creança do sexo feminino.

O nosso parabem.

Tem estado em Roriz, em gozo de ferias e na companhia de seu estremo pae, o nosso presado amigo sr. dr. Antonio Julio de Miranda, conego da collegiada de Guimarães e conspicio professor no pequeno seminario e lyceu nacional da mesma cidade.

Vae melhor a sr.ª D. Candida Carneiro da Fonseca Pires Lavado.

Partiu na 5.ª feira passada para a praia da Apulia, com sua exm.ª familia, o sr. dr. Martins Lima, distincto clinico.

Chegou a esta villa e foi hontem para a Apulia o nosso querido director politico, sr. dr. José Ramos, que ha dias estava na praia de Espinho.

Esteve em Vianna do Castello, na quinta-feira ultima, o sr. dr. Antonio Ferraz, abalizado clinico e nosso respeitavel correligionario.

Continua bastante doente o sr. José Joaquim da Silva Rocha.

Veio passar alguns dias na sua casa d'esta villa o nosso distincto patricio sr. commendador Joaquim Paes de Villas Boas.

Está na praia de Espinho o nosso illustrado collega de redacção sr. Antonio d'Azevedo.

Vimos n'esta villa o sr. dr. José Correia Carneiro, nosso estimado patricio e digno conservador da comarca de Alcaccer do Sal.

Esteve entre nós o sr. Adolpho d'Azevedo, estimavel cavalleiro da cidade do Porto.

Experimentou algumas melhoras, mas ainda continua enfermo o sr. dr. Duarte Paulino, nosso presado amigo e digno sub-delegado de saude.

PELA SEMANA

«Gazeta do Povo»—Consta que vae reapparecer a «Gazeta do Povo» para questionar connosco, por a «Folha da Manhã» se ter recusado a isso.

Alguns dos redactores da «Gazeta» já estão pronunciados por larprios, e por isso tem que ser reforçado o corpo da redacção.

Indigitam-se varios nomes, entre os quaes os srs. drs. João Novas, Augusto Monteiro e Joaquim Aivares da Silva.

Bem vinda sejaes, virtuosa donzella!

Vinde, vinde colher o fructo da vossa belleza...

Sómente nos custa a acreditar que s. ex.ªs queiram ser os continuadores de tão nojenta luminaria.

Ao menos, se presam o seu nome, mudem-lhe o titulo, e, por quem são, não queiram companheiras suspeitos.

Do inimigo o conselho.

Despachos—Foi nomeado escrivão de direito n'esta comarca o sr. Antonio Pereira Esteves, que exercia igual cargo em Villa Nova de Famalicão.

—Para a Povoia de Lanboso foi nomeado o sr. Francisco de Sousa Caravana, escrivão interino que era n'esta comarca.

E' o sr. Caravana um empregado honesto, activo e intelligente, pelo que felicitamos a comarca de Lanboso.

Encomendações—Foram passadas, por um anno, cartas d'encomendação aos rev.ªs srs. Antonio Fernandes, para a freguezia de Santa Leocadia do Tamel; e José Maria Ribeiro d'Almeida, para a freguezia de Santa Eugenia de Rio Covo, ambas d'este concelho.

Quem errou?—O sr. secretario da administração, d'este concelho, prendeu na 5.ª feira ultima um individuo da familia Rozendo, de Villa Cova, por lhe ter faltado ao respeito, segando se diz; e o sr. administrador do concelho mandou soltar aquelle preso.

Quem errou?

Se realmente esse individuo, que não conhecemos, faltou ao respeito devido á auctoridade, e foi preso em flagrante, o sr. administrador não podia soltar-se; se, pelo contrario, o sr. secretario exhibiu, deve o sr. administrador castigar-o como a lei ordena.

Repetimos ainda—quem errou? Esperamos que nos esclareça a imprensa da situação.

Se fosse progressista o administrador do concelho, o caso de 5.ª feira daria uma *fallada* dentro da cadeia, e talvez outra cá fora...

Vindimas—Estão concluidas as vindimas n'este concelho. A quantidade do vinho é muito inferior á do anno passado; a qualidade, porem, é excepcional.

Os chapéus das senhoras nos theatros—Mais um theatre que determinou ser prohibida a entrada de senhoras com chapéus demasiado altos. Esse theatre é o de S. Carlos, de New-Orléans. Uma tal disposição foi acolhida sem protesto por parte das interessadas e com alegria pelos homens. No primeiro dia em que foi posta em vigor esta disposição, algumas senhoras tiveram de tirar aquelle adorno, deixal-o no guarda-roupa do theatre como qualquer guarda-chuva e entrar para a sala em cabelo. Parece que nos Estados Unidos não tardará a ser geral este benéfico regimen.

Aposentação—Foi aposentado com a pensão annual de reis 401:370 o nosso velho amigo padre Lourenço José de Magalhães, abade de Ruivães, Famalicão, e que foi parcho em Charente, de este concelho.

Fallecimento—Na cidade do Porto finou-se o sr. Visconde d'Oliveira, nosso patricio, a quem a causa da liberdade deve valiosos serviços.

Foi professor e director da escola medico-cirurgica, d'aquella cidade, e isso basta para se poder avaliar o seu merito.

Os nossos pesames á illustre familia do finado.

A camara de Braga—Na sua ultima sessão a camara a que preside o sr. conego Simões nomeou «uma commissão para estudar o melhor meio de satisfazer a importancia de 9.056:999 reis que deve á Sociedade Electricidade do Norte de Portugal.

Qualquer dia o nosso conego nomeia *uma commissão para estudar o melhor meio* de... dizer missa na sala das sessões.

Pelo visto, a camara de Braga tambem anda com falta d'ar...

Um zuavo arcebispo—O *Petit Journal* evoca uma recordação como se não devem encontrar muitas nas memorias dos arcebispos.

Um dia o general Yusuf, que avançava com dificuldade atravez dos dedallos da floresta de Yacouren disse, designando a aldeia de Bon Henri, situada no cume d'um outeiro:

—Esta noite dormiremos alli.

Perto d'elle, um jovem sargento de zuavos balbicou algumas palavras que Yusuf não pôda ouvir.

—Que tem a objectar, sargento Dusserre?

—Nada, meu general. Estava simplesmente a pensar que se o Padre Eterno andasse de mochila ás costas quando engendrou estas montanhas, não lhe teria dado esta fórma.

Este antigo official de zuavos é hoje o arcebispo ds Alger. O anno passado Mgr. Dusserre assistiu á inauguração do monumento elevado á memoria dos soldados mortos no combate de Scherien, no qual tomara parte na sua qualidade de sargento.

CEREALS

Eduardo Carmona, d'esta villa, na qualidade de representante da casa **Victorino Coimbra e C.ª**, á rua da Fabrica, 78, Porto, annuncia que compra em todas as quintas feiras e domingos, qualquer quantidade de cereaes e legumes seccos, taes como: feijão de todas as qualidades, milho, centeio, etc. etc., fazendo sempre o maior preço que o estado do mercado o permitir, para cujo serviço já tem decida-mente emontado um armazem, no Campo da Feira, d'esta villa.
Barcellos, 19 de Setembro de 1896.

Eduardo Carmona

PREÇOS CORRENTES POR CADA 20 LITROS

Milho branco	460	Feijão frade	700
» amarello	460	» manteiga	1:100
Trigo daterra	960	» mistura	600
Centeio	560	» mulato	700
Cevada	420	» preto	740
Painço	600	» rajado	620
Feijão amarello	800	» vermelho	940
» branco	900		

AGUAS DE ST.ª MARIA DE CALLEGOS

(A 3 KILOMETROS DE BARCELLOS)

Hypo salinas — Bicarbonatadas — Chloretadas sodicas
Ciliciosas — Azotadas — Sulfidricas — Inalteraveis

Como se deprehe de da riqueza e especialidade da sua mineralisação e a experiencia de sessenta e tantos annos tem provado, estas aguas são UTILISSIMAS no tratamento de muitas doenças da pelle, do rheumatismo, do apparelho respiratorio e dos orgãos da digestão uzadas em banhos, internamente, em inhalações e pulverisações.
Carreiras diarias de Barcellos para as caldas.
Casos para alugar a preços muito modicos.
Correio diario.
Estabelecimento bem montado e melhorado este anno com gerador de vapor para o aquecimento das aguas.
Medico de combinação com a empresa.
Para mais esclarecimentos dirigir ao proprietario — **Chrysogno Correia** — BARCELLOS.

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS

ALFAIATERIA

— DE —
JOAQUIM BARROSO DE MATTOS & C.ª

40 — Largo da Porta Nobre — 44
BARCELLOS

Os proprietarios d'esta casa, participam aos seus estimados freguezes, e ao publico em geral, que acabam de contratar, para dirigir o seu atelier de Alfaiate o sr. José Moreira da Silva Baião, conhecidissimo ex-contramestre da Alfaiateria Keil de Lisboa.

Não se tendo poupado a despezas para poderem apresentar pessoa competentemente habilitada a bem executar toda e qualquer qualidade de obra pelos ultimos figurinos, esperam dever a visita de seus estimados freguezes e de todas as pessoas de bom gosto.

Igualmente participam que acabam de receber parte do sortido para a proxima estação de verão.

ELEGANCIA, PERFEIÇÃO, ECONOMIA

Grande sortido de picotilhos, cheviotes e cazimiras!

ALMANACH DAS FAMILIAS

PARA 1896

3.º anno de publicação — Preço 100 reis

Util e necessario a todas as boas donas de casa
ontendo uma grande variedade de artigos relativos á hygiene das creanças e uma variada collecção de receitas e segredos familiares de grande utilidade no uso domestico
Acompanhado de varias composições litterariae e charadisticas, intercaladas no texto das diversas secções

Summario: — CONSELHOS ÁS MÃES — O regimen das amas. — Quando se deve desmamar uma creança. — As lavagens das creanças. — Como se devem deitar as creanças. — A revaccinação.

GASTRONOMIA — A uma grande variedade de maneira de preparar artigos de cosinha, doces e licores.

MEDICINA FAMILIAR — Rapida resenha de algumas receitas mais indispensaveis e que se podem applicar sem o auxilio de medico e de grande utilidade geral.

SEGREDOS DO TOUCADOR — Diversas receitas hygienicas, concernentes á maneira de conservar a saude e belleza da mulher.

RECEITAS — Uma grande collecção em todos os generos, util e indispensavel a todo o momento a uma bona de casa.

Pedidos, a João Romano Torres. Rua de D. Pedro V, 86 e 88, Lisboa.

DICIONARIO CHOROGRAPHICO DE PORTUGAL

Parte continental e insular Designando a população por districtos, concelhos e freguezias, a superficie por districtos e concelhos, etc., etc.

Mencionando todas as cidades, villas e outras povoações, ainda as mais insignificantes, a divisão judicial, administrativa, ecclesiastica e militar, as distancias das freguezias ás sedes dos concelhos, e comprehendendo a indicação das estações do caminho de ferro, postaes, telegraphicas, telephonicas, do serviço de emissão de vales do correio, de encomendas postaes, repartições com que as diferentes estações permutam malas, etc., etc.

por **F. A. de Mattos**
Empregado do Ministerio da Fazenda
1 volume com mais de 800 paginas, 1\$600 reis. A venda nas principaes livrarias, e na administração da empresa editora «O Recreio», rua do Marechal Saldanha, 59 e 61, Lisboa.

Historias das industrias portuguezas A INDUSTRIA AGRARIA

por **J. M. Esteves Pereira**
Trabalho original, curioso e instructivo. Edição economica. Preço 300 reis.

A venda nas livrarias
Deposito — Lisboa — Rua da Espelança, n.º 49.

Antiga Casa Bertrand — José Bastos — rua Garrett — Lisboa.
H. Lomberts e C.ª — Rua dos Ourives, 7, Rio de Janeiro.

ROMANOS — HISTORIAS — VINGENS, etc.

Apparecendo a 10 e 25 de cada mes

MAGAZINE LITTERARIO

ALFETURA

NOVIDADE LITTERARIA

CHOROGRAPHIA DE PORTUGAL, ILLUSTRADA

50 gravuras e 20 mappas a cores por

Ferreira-Deudado

Professor proprietario lyceal de Geographia, Historia e Philo-
sophia, antigo membro do Conselho Superior d'Instrucção Publica, director da Revista de Educação e Ensino &.

Custo 1\$000 reis
Guillard Aillaud e C., Casa
Editora e de omissão — Lisboa,
242, rua Aurea, 1.º
A venda em todas as livrarias.

TYP. DO «COMMERCIO DE BARCELLOS»

Largo de José Novaes, n.º 33

Editor responsavel:
JOSÉ DA SILVA NACIEL DE RORIZ

GUILHERME BRAGA

OS FALSOS APOSTOLOS

Segunda edição com um estudo critico

por **Heliodoro Salgado**

Preço 200 reis

Livraria Camões de Fernandes Possas

24 — Ruado Almada — 28

PORTO

PHARMACIA

DA

Santa e Real Casa da misericordia

DE

BARCELLOS

CAMPO DA FEIRA — EDIFICIO DO HOSPITAL

DIRECTOR — **AVELINO AYRES DUARTE**

Pharmaceutico de 1.ª classe pel Universidade de Coimbra

Variado sortimento de fundas, algalias, meias elasticas suspensorias de madeiras, thermometros, etc.

Grande collecção de productos chimicos, especialidades, pharmaticas e aguas medicinaes nacionaes e estrangeiras. (76)

LIVRARIA ESCOLAR

DE

CRUZ & C.ª EDITORES

BRAGA

ANESTRA DOS CHANTEPT

Por **Mary Moran**, versão **Alfredo Campos**

1 vol. brochado..... 400 reis

VIDA DO ARCEBISPO G. FR. BARTH LOMBU DOS MARTYRES

Por **Fr. Luiz de Sousa**

3 grossos vol..... 1\$800

CURA DAS MOLESTIAS PELA AGUA

Obra illustrada com gravuras para applicações hydrotherapicas elo celebre rev. padre Sebastião Kneipp, traducção do saudoso extincto **Alves d'Araujo**.

2 vol. brochados..... 1\$200

O ANJO DA MOCIDADE

OU

VIDA DE S. LUIZ GONZAGA

Por **J. J. Almeida Braga** — 2.ª edição

1 vol. brochado.... 200

S. GONÇALO D'AMARANTE

Poema lyrico em seis cantos, por **Francisco Lopes**, poeta seiscentista, com uma polygraphia Camoneana pelo professor decano do lyceu de Braga, dr. **Pereira e Idas**.

1 vol. brochado... 200 — Em papel assetinado... 250

POETAS DO MINHO

MONOGRAPHIAS

Por **ALBERTO PIMENTEL**

1 — **João Penha**

A seguir «Monographias» d'outros poetas das diferentes localidades d'esta encantadora provincia.

O Portugal Jacobino

Por **JACINTHO FERNANDES**

Critica resposta ao «Portugal Jesuita» de **M. Borges Grainha**

1 vol. brochado..... 500

N'esta livraria encontra-se variado sortido de livros adoptados nas escolas primarias, lyceus e seminarios. Obras litterarias, religiosas e liturgicas. Deposito dos livros do Archivo Juridico e de muitas edições escolares — impressos segundo os modelos officiaes para escriptuação nas escolas publicas.

LIVRARIA ESCOLAR

DE

CRUZ E C.ª — EDITORES

68. Largo do Barão de S. Martinho, 71 — 56, Rua

Nova de Sousa, 58

BRAGA